Sobre os sonhos de futuro.

Manola Vidal

1- Introdução

O objetivo deste trabalho é o de refletir sobre a relação entre o tempo e a construção de significados a partir dos conceitos de ideograma e pictograma afetivo. Apresentará duas vinhetas clínicas cujo recorte será o de produções oníricas através das quais tais conceitos serão discutidos como um critério para reflexões sobre a resolução de situações de impasse. Esta discussão utilizará premissas teóricas encontradas na obra de Wilfred Ruprecht Bion bem como em autores contemporâneos próximos as mesmas.

O território para o qual se pretende dirigir as reflexões sobre os sonhos é aquele construído a partir do tensionamento produzido pela teoria do sonhar em Bion (1994a;1975) e aquela apresentada por de Freud (1969d). Dentre as premissas freudianas sobre os sonhos encontramos que os mesmos servem ao princípio do prazer, possuindo a função de garantir a continuidade do sono e, principalmente, realizar desejos que provocariam desprazer se conscientes e por isso permaneceriam recalcados, inconscientes. Os conteúdos manifestos do sonho serão traduzidos pelo psicanalista tornando possível compreender o conteúdo latente aos mesmos relacionados. O trabalho do sonho apresenta-se como o de condensação, deslocamento, representabilidade, incluindo o uso de símbolos, sensorialidade e, principalmente, imagens visuais. O processo primário, característica dos processos inconscientes, seria sua forma de funcionamento psíquico em oposição ao processo secundário característicos dos processos conscientes. Em Bion

(1975;1994a) há um deslocamento do trabalho do sonho para o sonhar. O sonhar ocorreria durante o dia bem como durante o sono da noite. No estado de vigília os restos diurnos são transferidos para o inconsciente, transformados e reenviados para o consciente através de uma seleção realizada pela barreira de contato[1] que, como um filtro invisível, sempre presente, inclui as funções da atenção e percepção. O sonho, por outro lado, será uma forma de pensamento que integra o princípio do prazer e o da realidade e as formas de funcionamento psíquico provenientes do processo primário e secundário através da função alfa. A função alfa atua sobre as impressões sensoriais das emoções e, tendo êxito, produz elementos alfa que podem ser armazenados e utilizados como pensamentos oníricos. As impressões sensórias da experiência emocional seriam a causa inicial do sonho e assim, a função alfa nos permite compreender os significados das experiências emocionais, pois transforma suas impressões sensórias em elementos alfa mentalizados. O uso da mentalização na transformação das impressões sensoriais das emoções media o impacto dos elementos beta[2], impressões sensoriais cruas.

As transformações das impressões sensoriais e emocionais no processo de aquisição de significados pode avançar em duas direções: na primeira temos o trabalho de dessensorialização (Sandler,2009) realizado pela função alfa e na segunda as novas composições que se dão no processo do aprender com a experiência emocional (Bion,1975), ou seja, as perdas de significados já existentes e o ganho de novos significados. A aquisição de novos significados é dinâmica, produz imagens e sentidos provisórios, e a não aquisição de novos significados apresenta a rigidez dos fanatismos (Sor; Senet. 2020).

---

[1] - Filtro ativo que tanto liga quanto separa, regulando a relação entre os sistemas consciente e inconsciente.

[2] - Matéria-prima apreendida pelo aparato sensorial que pode ser decodificada em elementos adequados ao pensar, ao sonhar e ao lembrar.

Compreendendo as situações de impasse como aquelas que podem não oferecer uma saída favorável para o trabalho terapêutico, temos a oportunidade de refletir sobre uma de suas formas[3], que é a reação terapêutica negativa. No quinto capítulo do trabalho *o Ego e o Id*, Freud (1969e) observa o comportamento de alguns pacientes que pioram quando há um reconhecimento de sua melhora e esta contradição estaria ligada ao desejo do demonstrar sua superioridade em relação ao psicanalista através da piora justamente pelo progresso do próprio tratamento. Em *Análise Terminável e Interminável* (Freud, 1969a) podemos refletir sobre a relação terapêutica negativa através do supereu, a angústia, as pulsões de morte, a castração e o masoquismo que caracterizam sua expressão na transferência como ruidosa, dramática e destrutiva. Porém, nos aproximaremos de algumas premissas encontradas na obra de Bion de forma a poder articular a reação terapêutica negativa com o objetivo deste trabalho, que é o de sua elaboração através do ideograma e pictograma afetivo.

No texto *Sobre arrogância* (Bion, 1994 b) o autor faz referência aos mecanismos psicóticos a serem trabalhos, mesmo em pacientes neuróticos, nos quais a reação terapêutica negativa será concomitante ao aparecimento, de forma dispersa e sem correlação mútua, de conteúdos ligados a curiosidade, arrogância e estupidez que por sua vez, indicariam uma catástrofe psicológica eminente. Na transferência teríamos a situação de ataque ao ego, esteja o ego no paciente ou no psicanalista, em função do ódio a realidade aliada a arrogância. No trabalho *Ataques ao elo de ligação* (Bion, 1994) as funções que operam entre um objeto e outro, entre o seio e a boca do bebê, entre uma ideia e outra e entre o psicanalista e o paciente são atacadas pela parte psicótica da personalidade. Tudo que seja sentido como vínculo, ligação, é atacado como forma de não saber, não conhecer ou entrar em contato emocional tanto com a realidade interna quanto a externa. O paradigma é a inveja que ataca o que

[3] - Segundo Zimmerman (2008) as outras duas formas são a estagnação e a paralização.

possa fazer sentido de ligação. Em especial, na relação com o psicanalista possuiria a característica de atacar sua capacidade de pensar e também suas interpretações.

Os textos acima fazem parte do que conhecemos como a teoria do pensar e, mais adiante na obra do autor, realiza-se um deslocamento que também nos auxiliará na compreensão da reação terapêutica negativa a partir da cesura (Bion,1981). Este conceito se relaciona ao trânsito entre um estado mental para outro e por se constituir enquanto vínculo, sinapse, expressa a ideia de movimento no tempo, uma flexa do tempo (Chuster, 2014) entre um antes e um depois. Possui um paradoxo que se apresenta através da experiência emocional desorganizadora que, ao mesmo tempo, se refere a emergência do surgimento de um novo significado. A cesura então é uma ideia de movimento que se define por suas possibilidades de oscilação paradoxal (Trachetenberg,2013) entre a experiência emocional desorganizadora e a aquisição de um novo significado. Desta forma, a relação entre o impasse e a produção onírica, que serão encontrados nas duas vinhetas clínicas, se referem ao movimento de oscilação paradoxal na cesura. Assim, nos aproximamos da proposta de se investigar a cesura e não o analista ou o analisando, o inconsciente ou o consciente, a sanidade ou a insanidade, mas a ligação entre estados mentais diferentes.

2- Os sonhos

Primeiro paciente

Situações de impasse anteriores ao sonho

Apesar da melhora relativa aos sentimentos de angústia vividos entre o sono e o despertar que o acompanharam durante os três primeiros anos de análise, da experiência de um novo

relacionamento afetivo depois de anos sozinho e, principalmente, de ter conseguido realizar o luto de determinado mito pessoal ligado a ideia de um paraíso perdido, que se apresentava como a idealização do passado, o paciente apresenta uma piora. Insônia, ideia de que o tratamento, a psicanalista e sua teoria, não conseguem mais ajudá-lo pois havíamos chegado a um limite, diz não compreender o que digo, que será melhor não “empacar” mais dinheiro e tempo, diz que procurará outra profissional e, em outros momentos, se assusta porque teme acreditar que não há cura para seu caso.

Sonho

O sonho considerado ocorre no quarto ano de análise sendo que os anteriores, em sua maioria, repetiam cenas de fuga através de saídas para lugares abertos nos quais, encontrava situações que o faziam retornar para o ambiente fechado do qual havia fugido da cena anterior. Seus sonhos eram sempre contados no final da sessão, mas a narrativa deste iniciou a mesma:

> Paciente*... eu quero contar um sonho que tive esta noite que eu achei muito louco, muito estranho, essas loucuras que a gente sonha né? Mas como você diz que eles sempre querem dizer alguma coisa...eu estava fazendo aquele X* (cópia de um objeto) *que eu te falei, estava ficando lindo e aliás está perfeito.... Aí, eu não sei como aconteceu, eu sonhei que roubaram X, não sei quem foi mas eu fui procurar e roubaram, me deu uma dor, eu fiquei com uma raiva, e aí eu pensei: não vou fazer de novo, senti que não ia conseguir fazer outro, que não ia fazer de novo...é, que eu não tinha mais ânimo para fazer, fiquei tão triste...eu fiquei muito triste...*

Segundo paciente

Situação de impasse

Paciente consegue alcançar certa estabilidade nos relacionamentos amorosos e profissional não se sentindo tão ameaçado com ideias de traição e sua disfunção sexual apresenta melhora expressiva. Na análise porém, apresenta uma certa estagnação, não sabe mais o que dizer, diz não ter como saber e depois de várias sessões com silêncios prolongados começa a descrever os fatos do cotidiano sem nenhuma emoção e quando há tentativa de remetê-los a algum significado ligado à sua realidade psíquica reage com aspereza. Semanas antes deste sonho, o paciente produz uma série de atuações extra-analíticas com perdas afetivas e financeiras consideráveis colocando em risco inclusive a possibilidade da continuidade do tratamento.

O sonho

Ocorre no segundo ano de análise, e se refere a uma modificação importante de um sonho de repetição que ocorria desde sua adolescência e foram narrados até então durante o tratamento. Nos sonhos de repetição o paciente estava na mesma praia, deitado na areia e com a preocupação de que a maré iria subir e, se ele não acordasse, poderia se afogar. Após a experiência de pavor que esta ideia lhe causava, se acalmava ao ver sua própria imagem no alto de uma pedra lhe observando, como se tomasse conta dele. Porém, para acordar era como se alma tivesse que vir e se encaixar “direitinho” no corpo pois, se não fosse um encaixe perfeito, não acordaria e poderia se afogar.

...Eu tive aquele sonho, só que agora foi diferente, eu sabia que tava sonhando antes mas eu sentia uma agonia, um medo de não conseguir acordar, lembra ? Eu tinha de me encaixar direitinho, sentir até nos dedos, se não me encaixasse direitinho né? Agora eu sabia que tava sonhando, como das outras vezes, mas apareceu um charuto, eu voltava para o meu corpo, sem problema, parecia que não era mais difícil, não estava mais na praia, tava em X(local de trabalho) e via de uma janela de vidro meu amigo X, ele estava fazendo algum trabalho, parecia demolição, estava num lugar assim meio destruído, na verdade eu trabalhei com ele antes e ele era meu chefe, mas agora eu via ele de longe e fumava um charuto, assim sentado sabe, na boa. Aí e pensei, tudo bem, tô dormindo mesmo e vou continuar. Antes eu acordava apavorado, meu medo era não voltar, agora o charuto me deu uma sensação de calma, eu podia continuar dormindo ....

3- Discussão

Considerando tais sonhos como sonhos de transferência, podemos reconhecer uma interface com as reações terapêuticas negativas por um lado e, por outro com a possibilidade do psicanalista poder utilizar as imagens do charuto e do objeto perdido como fato selecionado (FS)[4] . Assim, podemos pensar as reações terapêuticas

[4] -Termo emprestado da filosofia da matemática cunhado por Jules Henri Poincaré (1943) que é citado por Bion por se referir ao valor de um resultado novo que é o da união de elementos conhecidos, mas que se encontram dispersos e estranhos.

negativas ligadas ao tempo que cada paciente possui para introjetar a função continente do psicanalista durante o processo terapêutico (Mitrani, 2001) aproximando-nos de uma forma de reverberação do tempo (Birksted- Breen, 2003) que pertence a relação primária com a mãe e possibilita o enraizamento do aparelho para sonhar os sonhos (Grinberg, 1967).

Já o uso do fato selecionado em sua relação com o conceito de pictograma afetivo nos permite apresentar um entrelaçamento entre o tempo e o processo de aquisição de significados a partir da experiência do psicanalista. Este, ao utilizar do fato selecionado como ferramenta de investigação de elementos antes dispersos que se apresentam conjugados, apresenta-nos uma forma de coerência que faz sentido para ele, o observador-psicanalista, mas não obrigatoriamente para o objeto observado (Sandler, 2009) . Esta relação de coerência não pode ser compreendida a partir de uma relação lógica e, neste sentido o fato selecionado é uma conceito psicanalítico que possui importância epistemológica (Bion,1975). Um elemento é nomeado através da realização de um vínculo com outro elemento oferecendo coerência ao que antes se apresentava disperso e estranho a vinculação se aproximando de uma experiência emocional de insight. Bion (2004) sugere que sua utilização técnica na clínica psicanalítica se aproxima da proposta kleiniana (Klein , 1991; 1948) de posição, ou seja, a relação da posição esquizoparanóide (PS) e da posição depressiva (D) com um objeto, mas lhe imprime uma dinâmica característica. Assim, insere o fato selecionado na compreensão de um movimento entre PS ⇆ D que é dinâmico e não estático e que persiste durante toda a vida humana. Não seriam características da infância permanentes, mas um processo continuamente ativo, desde seu estabelecimento. Grotstein (2011), acredita existir uma proposta de dialetização entre PS ⇆ D na qual uma posição é mediadora da outra, o que dilui o sentido

---

Esta união da dispersão e estranheza repentinamente traz um resultado inovador introduzindo ordem onde reinava a aparente desordem. O novo dá um valor aos fatos antigos que une.

patológico de posição esquizoparanóide. Esta dialética nos apresentaria um vértice binocular, uma visão a partir de dois lugares que por sua vez triangulariam com O[5], a realidade última. Assim, PS ⥋ D seriam vértices que fazem mediação com O e não possuiriam mecanismos distintos ou funcionamentos em separado, pois cada posição pode assumir necessidades da outra. Assim, o fato selecionado realiza um processo de síntese no fluxo entre a dispersão (PS) e integração (D) respectivamente. Para Sandler (2009) é um momento de preparação para a interpretação que permite a construção de modelos que são transformados pelo psicanalista em um linguagem compreensível para seus pacientes.

Para Stitzman (2021) podemos pensar que o tempo é uma função do fato selecionado, e este é um a variação da velocidade do tempo. No tempo do aqui e o agora da sessão sua utilização se dá no processo que envolve a internalização da função continente do psicanalista. Nos sonhos relatados foram as imagens do objeto roubado e do charuto, que ofereceram significados anteriormente inexistentes para a psicanalista sobre estes pacientes.

A utilização das imagens enquanto fato selecionado, nos remete aos conceitos de ideograma e pictograma afetivo.

Bion (1994d) ao tentar discriminar a natureza do material que o paciente usará para pensar, nomeia como ideograma uma forma inicial de armazenamento de ideias primitivas, que reúne uma série de fantasias e experiências arcaicas vividas com o objeto primordial. Com o impulso do paciente para comunicar, o ideograma pode ser evocado e transmitir um significado desconhecido revelando em sua construção a presença simultânea de conteúdos tanto da personalidade psicótica como da

[5] - Segundo Sandler (2021), Sinal quase matemático para designar o âmbito numênico daquilo que desconhecemos, corresponderia ao que Freud sistema psíquico inconsciente. Denominações pelos teóricos da ciência e filósofos seriam as de realidade última, ou verdade absoluta. Em Bion faz parte das aplicações da teoria das Transformações e Invariâncias à psicanálise.

personalidade não-psicótica. O ideograma então, se refere ao momento quando uma impressão sensorial toma a forma de imagem ou de uma experiência emocional que pode se combinar em uma unidade que será ou armazenada ou comunicada pelo paciente (Bion,1994a).

Enquanto ideogramas as imagens do charuto e do objeto roubado foram remetidas pelos pacientes para o espaço intersubjetivo, através da narrativa como nos indica Imbasciati, (1998). Tais imagens utilizadas pela psicanalista a partir do senso comum compartilhado nos aproxima da compreensão sobre as dificuldades de comunicação dos afetos pelo paciente inerentes a própria formação de representações e seu deciframento bem como pela assimilação de afetos que potencialmente possam modificar a estrutura afetiva anterior. Desta forma, nos aproximamos da concepção do autor (Imbasciati,2001) sobre o desenvolvimento da mente como um tendo qualidades simbopoiéticas progressivas, ou seja, uma simbologia progressiva que se apresenta no funcionamento inconsciente do adulto, na qualidade de uma estrutura simbopoiética protomental na comunicação dos afetos. Assim, no espaço da narrativa há um processo de transformação, ou tradução, de operações protomentais relativas a estruturas reguladoras de afetos tais quais os processos de aprendizagem pela experiência (Bion, 1975).

Estas imagens foram observadas como possuindo uma qualidade psíquica diferente das imagens de repetição dos sonhos anteriores que, em ambos os pacientes, possuíam as características de repetição, próximos da denominação de sonhos de evacuação dos elementos beta não transformados ou sonhos psicóticos (Grinberg, 1967; Segal 1983) e não possibilitavam uma experiência compartilhada de conhecimento sobre a experiência emocional, uma transformação em K[6].

[6] - É uma das formas de transformação em psicanálise que se realiza para a apreensão da realidade.

Em relação ao segundo conceito, o do pictograma afetivo (Barros, 2000), consideramos um paradoxo: nos sonhos de repetição existe uma ausência de significados que exerce uma pressão no aparelho para pensar para a construção da presença de significados. O autor parte da premissa freudiana (Freud,1969d;1969c) de que uma das funções do processo de sonhar é produzir, de forma contínua, uma elaboração das experiências emocionais a partir de imagens. Sugere que existem três níveis de significados que se interpenetram simultaneamente na vida mental: os conteúdos de alto significado, relativos à dinâmica do recalque, os conteúdos que possuem um significado potencial, disponíveis para a interpretação e os conteúdos com ausência de significado que pressionam por significação quando novas situações emocionais confrontam o ego. Apresenta a noção de pictografia afetivo referindo-se à esta dinâmica de significados ou seja, a pressão exercida pela ausência de significado produziria imagens de significado latente que podem ou não adquirir um alto significado. Neste confronto, entre uma nova situação e o ego, existiria um período de ausência de significado que se aproxima do que Ferro (1996) se refere sobre emoções em busca de um personagem, não necessariamente antropomórfico, que se torna então parte da narrativa. O pictograma afetivo será então uma forma primitiva de representação mental das experiências emocionais, fruto da função alfa, com a criação de símbolos através da figuração para o pensamento de sonho, sendo um primeiro passo em direção aos processos de pensamento. Os pictogramas ainda não são pensamentos e se expressam mais em imagens do que através do discurso verbal, mas ao mesmo tempo diferem dos elementos beta, pois estes são evacuados e ou projetados do aparelho de pensar quando não transformados pela função alfa em elementos alfa. O pictograma afetivo contém então em estado potencial um alto significado, que pode ser trabalhado transferencialmente, e uma ausência de significado, que exerce

pressão para se fazer figurável no aparelho de pensar. Sua ação nos sonhos é organizar as experiências afetivas que mobilizam fantasias inconscientes construídas ao redor de núcleos de significado organizando as experiências emocionais. As imagens dos sonhos descritos como fato selecionado compreendem estes núcleos de significado e a relação entre eles.

Com a concepção de ideograma e de pictograma afetivo nos aproximamos das imagens do objeto perdido e do charuto como aquelas que condensam diferentes significados emocionais que nos auxiliaram na compreensão de como foram ultrapassadas as situações de impasse. Enquanto unidades simbólicas, ideogramas, estas imagens dinamizaram PS ⇆ D integrando conteúdos fragmentados e possibilitando a expansão e recombinação de fragmentos anteriormente sem significado, o das imagens nos sonhos de repetição. Enquanto pictogramas afetivos representaram o significado potencial resultado da pressão exercida que a ausência de significado impõe ao aparelho de pensar pensamentos

4- Conclusão

As noções de ideograma e pictograma afetivo assinalaram que a figurabilidade onírica quando utilizada como fato selecionado nos permite expandir o pensar da dupla paciente-psicanalista pois contribui não somente para a representação de uma série de fatos selecionados, mas também para o uso da intuição. Bion (1963) nos propõe que a interpretação do psicanalista está dirigida ao tempo no futuro quando se utiliza a intuição. A emoção do paciente intuída pelo psicanalista teria de ser óbvia para o psicanalista, mas não ao paciente pois quando óbvia para o paciente seria dolorosamente

óbvia. Assim, através interpretação é apresentado ao paciente elementos de uma emoção antes da mesma tornar-se dolorosamente óbvia. Nesta tarefa de antecipação, cabe ao psicanalista procurar por elementos de emoções que facilitassem suas deduções intuitivas e remetessem ao futuro potencialmente presente em cada sessão, ou seja, aos aspectos insaturados nas significações das emoções. Acredita-se então que a relação entre intuição e emoção na prática clínica apresenta-nos o sentido da verdade através de um paradoxo: os elementos de uma emoção teriam de ser óbvios para o analista, mas não para o paciente. Portanto, o uso da intuição que advêm da experiência de observação do fato selecionado nos remete ao futuro.

As imagens oníricas do objeto perdido e do charuto apontaram para experiências emocionais com significados condensados, passíveis de abstração e simbolização.

No sonho sobre a perda do objeto que foi construído como uma cópia, podemos nos aproximar do ideograma enquanto experiência emocional que se combinou por somatória em uma unidade simbolizando o que antes não poderia ter sido significado afetivamente, pois havia uma evitação dos sentimentos de luto por um objeto original perdido. A defesa em relação a experiência afetiva do luto, realizada através da construção de cópias e objetos de arte, não seria mais possível e a ausência do objeto originalmente perdido pode então ser experenciada como perda. Porém, a situação de impasse apresentou-se, em um crescendo de rememorações sobre as várias situações de perda anteriores até se chegar a consideração sobre a troca de terapeuta. Esta possível troca, que se daria em um momento de impasse, poderia ser por uma cópia se as ansiedades depressivas não tivessem sido alcançadas através do sonho.

O sonho sobre a imagem do paciente que observava a si mesmo, nos aproxima do trabalho clássico apresentado por Otto Rank (1971) sobre a relação entre o duplo com o eu ideal na qual o medo da morte e de autopunição se manifestariam, mas também de Bion (1967) com seu trabalho sobre *O gêmeo imaginário*. Bion trata

da questão do duplo, correlacionando o aparecimento das fantasias de gemelaridade às primeiras relações objetais, aos conflitos edípicos precoces, as dificuldades do paciente para tolerar a realidade psíquica interna e a percepção de impossibilidade de controle sobre o objeto. Enfatiza a importância do componente visual neste tipo de pacientes e sua utilização a serviço das capacidades de observação e do teste de realidade. A partir de concepções kleinianas sobre o édipo precoce e identificação dos sujeitos com seus objetos internos pressupõe uma forma de aproximar a fantasia gemelar dos mecanismos da cisão e da identificação projetiva. No relato pelo paciente das cenas finais nos sonhos de repetição, a do encaixe perfeito da alma com o corpo, que sempre traziam o estado de maior angústia, temos a representação de um mecanismo obsessivo que afetivamente é mais intenso do que a visão de ser observado por seu duplo. A cena de maior impacto afetivo, continha o risco da maré subir e, se o encaixe perfeito não pudesse se realizar, haveria o risco de afogamento e morte. Poderíamos conjecturar que o espaço até o encontro-reencontro-encaixe, entre corpo e alma como o espaço de uma cesura (Bion, 1981;Perrini,2009). Neste sentido, os conteúdos da cesura permaneceriam para o paciente na forma de intuições embrionárias sobre um encontro temido e ao mesmo tempo necessário para sua sobrevivência. A imagem do charuto nos ofereceu um significado em potencial, uma possibilidade de ligação entre a alma e o corpo sem o risco do afogamento.

Ao finalizar, é importante assinalar que as reflexões aqui propostas se aproximam daqueles que investigam sobre os sonhos de transferência (Stewart, 1993) bem como a relação entre os mesmos com o que foi denominado por Jean Michel Quinodoz (2000) como sonhos de virar a página. Portanto, a característica da paradoxalidade destas produções oníricas trouxe para discussão o processo constante de transformações relativos as oscilações entre as posições esquizoparanóide e depressiva (PS ⇆ D) e a importância

do fato selecionado como fator de modulação no tempo de tais oscilações para o processo de aquisição dos significados.

6 - Bibliografia.

Barros, E. M. R. (2000). Affect and pictographic image: The constitution of meaning in mental life. *International Journal of Psychoanalisis*, 81, 1087-1099.

Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise,* 15, 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)

_____(1974). *Conferências brasileiras.* (p.73). São Paulo: Imago.

_____ (2016). *Seminários italianos*. São Paulo: Blucher Editora

_____ (1994) Ataques a ligação, In *Estudos Psicanalíticos Revisados- Second Thoughts.* Rio de Janeiro: Imago. Trabalho original publicado em 1959.

_____ (1973). Atenção e interpretação. Trad. Carlos Heleodoro P. Affonso. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1966).

_____ (2004). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1963)

_____ (1975) *Aprendiendo de la experiencia.* Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1962)

_____ (1985) Evidência. *Revista Brasileira de Psicanálise,* (19), 1, 129-41.

_____ (1987a). Turbulência emocional. Revista Brasiliera de Psicanálise (21),121-133 (Trabalho original publicado em 1976).

_____ (1987b). Sobre uma citação de Freud. Revista Brasileira de Psicanálise, (21), 134-141. (Trabalho original publicado em 1976)

_____(1994a). Cogitations. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1967).

_____(1994b). Sobre Arrogância. In W. R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados* (pp.101-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957)

_____ (1994c). Making the Best of a Bad Job. In W. R. Bion, Clinical Seminars and Other Works. Londres: Karnac Books. (Trabalho original publicado em 1979)

_____(1994d). Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e a Personalidade não psicótica. In W. R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados* (pp.45-62). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957)

_____ (1967). The imaginary twin. In W.R. Bion, *Second thoughts* (pp. 3-22). London: William Heineman. (Trabalho original publicado em 1950)

_____ (1997). *Taming Wild Thoughts*. London: Karnac Books.

_____ (2004). *Transformações - do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965)

Birksted- Breen, D. (2003) *The Work of Psychoanalysis Sexuality, Time and the Psychoanalytic MinD.* London: Routledge

Chuster, A. et al. (2011). *O objeto psicanalítico*. Edição do Autor.

Chuster, A.; Soares, G; Trachtenberg, A. (2014) *W.R.Bion- A Obra complexa.* Rio Grande do Sul: Editora Sulina

Ferro, A. (1996). *In the Analyst's Consulting Room*. London & New York: Psychology Press.

Freud, S. (1969a). Análise terminável e interminável. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 247-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

_____(1969c). Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol.14, pp 123-134). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).

_____ (1969d). Interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Obras psicológicas completas: edição standard brasileira* (Jayme Salomão, Trad., Vol 1 e 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

_____ (1969e). O ego e o id. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das *Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad. Vol. 19, pp. 23-83). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Glucksman, M. L.; Kramer, M. (2011). The Clinical and Predictive Value of the Initial
Dream of Treatment. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis and DynamicPsychiatry*, 39(2), 263–283.

Grotstein, J.S. (2011) *Um facho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à Psicanálise.* Artmed:Porto Alegre.

Grinberg, L. (1967). Función del soñar y clasificación clínica de los sueños en el proceso analítico. In Grinberg, L. *Psicoanalisis – Aspectos teóricos y clínicos* (pp.187-208) Buenos Aires: Alex Editor.

Hecht, J. (2022). Bion at the Crossroads: A Contrarian Reading of “on Arrogance.” Journal of the American Psychoanalytic Association, 70(4), 613–636. https://doi.org/10.1177/00030651221116376

Hume, D. (1748). An Enquiry Concerning Human Understanding. In: L. A. Selby-Biggs (Ed.), The Great Books of the Western World. Chicago: Encyclopaedia Britannica Inc., 1994.

Imbasciati, A. (1998). *Afeto e Representação.* São Paulo: Editora 34

_____ (2001) The Unconscious as Symbolopoiesis In Psychoanalytic Review,

88(6), 837-876.

Klein, M. (1991). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein, Vol.1: Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos: 1921-1945* (p. 306-315)). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1935)

_____ (1948). Notes on some schizoid mechanisms. In M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs & J. Riviere (Eds.), *Developments in psycho-analysis*.(pp.1-25) Londres: The Hogarth Press & Institute of Psycho-Analysis.

Mitrani, J. L. (2001) ‘Taking the Transference’: Some technical implications in three papers by Bion, *The International Journal of Psychoanalysis*, (82) 6, 1085-1104.

Perrini, E. A. (2009) Uma aproximação ao mundo dos conteúdos oníricos e a cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise* · 43 (3) 71-79.

Poincaré, H. (1943), La Ciencia y la Hipótesis. Buenos Aires: Espasa Calpe.

Quinodoz, J.M. (2002). *Dreams that Turn Over a Page.* London: Routledge

Rank, O. (1971). *The double. A psychoanalytic study.* North Carolina: The University of Carolina Press. (Trabalho original publicado em 1925).

Sandler, P.C. (2021) *A linguagem de Bion- Um dicionário enciclopédico de conceitos*. São Paulo: Editora Blucher.

Sandler, P.C. (2009) A clinical application of Bion´s concepts. Vol. 1. *Dreming, transformation, containement and change.* London: Karnac.

Segal, H. (1983) The function of the dreams, In H. Segal, (Org.), *The work of Hanna Segal*. (pp.89-100). New Jersey: Jason Aronson

Sor, D.; Senet M.R. (2020) *Fanatismo – uma mirada bioniana atual.* Buenos Aires: Edciones Biebel.

Stuart, H. (1993) The experiencing of the dream and the transference, In The dream discourse today.(pp.122-126) (Flanders, S. ed.). London: Routledge.

Stitzman L. (2021). Framework: un ensayo psicoanalítico. São Paulo: Pontes Editora.

Trachtenberg, R. (2013). Cesuras e des-cesuras: as fronteiras da (na) complexidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, *47*(2), 55-66. Acesso em 26 de janeiro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2013000200006&lng=pt&tlng=pt.

Zimerman, D. (2008) *Vocabulário contemporâneo de psicanálise David Zimerman*. – Dados Porto Alegre: Artmed.